

Nome: Amanda Veloso Garcia

E-mail: amanda.hipotenusa@gmail.com

Instituição de Ensino: UNESP/Marília

Orientadora: Maria Eunice Quilici Gonzalez

A PROPOSTA DE UMA FILOSOFIA ALÉM DA LINGUAGEM PARA UM FILOSOFAR BRASILEIRO DESCOLONIZADO

Resumo:

Introdução

No Brasil, a influência europeia inserida através de processos coloniais está presente em diversos aspectos de nossa cultura. Com a Filosofia não foi diferente. Os modos de entender, estudar e fazer Filosofia no Brasil estão intimamente ligados às práticas europeias de filosofar. E esse modelo contém algumas características próprias que o vinculam, por exemplo, a práticas discursivas, lógicas e sistemáticas de escrita de textos.

Como parece haver, na tradição filosófica Ocidental, uma vinculação necessária entre a Filosofia e a linguagem oral/escrita, temos como objetivo repensar práticas filosóficas dentro da universidade. Desse modo visamos a propor uma ampliação nas formas de expressar a filosofia acadêmica para valorizar mais a comunicação de visões de mundo do que o formato em que ideias são expressas. Além disso, pretendemos analisar a potencialidade de pensamento existente em outros formatos de expressão filosófica.

O peso da linguagem na Filosofia

Pensar a Filosofia no Brasil é entendê-la a partir de um paradigma no qual para filosofar é preciso expressar-se de forma linguística, especialmente através do *comentário de filósofo*. Para o Ocidente, local do qual vieram os colonizadores do Brasil, a linguagem oral/escrita carrega um peso muito grande.

Durante o período colonial a linguagem foi um importante mecanismo de dominação. As formas de manipulação da linguagem permitiram em grande parte a colonização. Através, por exemplo, da exclusão dos nativos no diálogo, permitindo ao colonizador que descrevesse o nativo e montasse o ideário do outro a partir unicamente de seu ponto de vista, de modo que não havia como o indígena participar da construção de sua imagem. Uma vez que a linguagem influencia processos semânticos, a imposição de uma língua, qual foi feito na colonização brasileira, traz em seu bojo a imposição de uma

ideologia, uma religião e costumes próprios. Além do que, a imposição da língua determina quem tem direito à fala.

Em seu primeiro livro, o *Tractatus Logico-Philosophicus*, Wittgenstein (1994, p. 165) compreende a linguagem como um ponto central em nosso entendimento do mundo: “O pensamento é a proposição dotada de sentido. A totalidade das proposições é a linguagem”. Em outro aforismo, o autor (WITTGENSTEIN, 1994, p. 131) destaca que “Poder-se-ia talvez apanhar todo o sentido do livro com estas palavras: o que se pode dizer, pode-se dizer claramente; e sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar”. Assim, em seu primeiro livro, Wittgenstein procura traçar um limite para a expressão de pensamentos através da linguagem, de forma que esta última delinea os limites do mundo.

Entretanto, um gesto fez Wittgenstein reformular toda a sua teoria que foi publicada posteriormente em seu segundo livro *Investigações Filosóficas*. Numa conversa com seu interlocutor Piero Sraffa, um economista italiano a quem Wittgenstein atribui a existência de seu segundo livro, o autor recebe um gesto que lhe obriga a repensar sua teoria do *Tractatus*. Sraffa lhe faz o gesto de roçar o queixo com os dedos, conhecido como o “gesto napolitano do desacato”, enquanto lhe pergunta: “Qual a forma lógica disso?”. Sobre esse acontecimento, Scarborough (2015, n.p., tradução nossa) explica:

[...] é geralmente aceito que o gesto encapsula tudo – seguido da pergunta a Wittgenstein feita por Sraffa: "Qual é a forma lógica disso?"
Sraffa não precisava ter roçado o queixo com os dedos. Poderia ter sido um soco. "Qual é a forma lógica disso?". Ou um abraço. [...] A visita do presidente Kennedy à Berlim Ocidental, podemos supor, era um gesto. A bomba sob Mururoa. A independência do Timor Leste. A destruição das Torres Gêmeas. Em seu sentido mais amplo, estes são todos gestos. São ações, ou seja, realizados para expressar um sentimento ou intenção.

Nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein formula uma teoria da linguagem bem diferente da primeira e que teve grande influência no pensamento contemporâneo. O autor constrói a ideia dos *jogos de linguagem* para entender os processos significativos. O “jogo de linguagem” corresponde “ao conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 30). Nesse sentido, as palavras não designam algo objetivamente, mas designam algo apenas através de seu uso. Para ele, “o que nos confunde é a uniformidade da aparência das palavras, quando estas nos são ditas, ou quando com elas nos defrontamos na escrita e na imprensa. Pois seu *emprego* não nos é tão claro. E especialmente não o é quando filosofamos” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 31).

Por causa da variabilidade de significados que o uso confere às palavras que o contexto em que elas são expressas se mostra importante. “O termo “*jogo de linguagem*”

deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 35). Por exemplo, comandar, relatar ou conjecturar sobre um acontecimento, defender uma tese, inventar uma história, contar uma piada, representar, cantar, contar um segredo, pedir algo, solicitar socorro, agradecer, maldizer, orar, entre outros. Assim, “a significação de uma palavra é seu uso na linguagem” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 43). Desse modo, mesmo o uso da linguagem perde seu sentido sem o contexto em que ela emerge e, por isso, Wittgenstein aponta para as limitações da linguagem escrita na expressão de pensamentos.

Como aponta Scarborough na observação supracitada, um gesto pode expressar muito. Ele (SCARBOROUGH, 2015, n.p., tradução nossa) destaca ainda um outro acontecido dos anais da história da Filosofia:

Quando o médico de Kant o chamou em seus últimos dias, o Kant doente, com alguma dificuldade, levantou-se para recebê-lo, e não se permitiu-se sentar de novo até que o médico tivesse tomado seu lugar.

[...] o sinal de uma vida que ligou o pessoal com o universal. Ou seja, era um gesto que revelou o imperativo categórico – um gesto tão amplo como o mundo, e não apenas para seu próprio bem – na verdade, até mesmo às suas próprias custas. Para Kant, também, gestos encarnam uma ética, que transcendia, interesses paroquiais pessoais mais estreitos.

Em outras palavras, assim como Sraffa, Kant apresentou um gesto que combina ação e significado de modo que parece não poder ser expresso meramente pela linguagem oral/escrita. Talvez uma explicação linguística não fosse suficiente para expressar o “imperativo categórico kantiano” tão fortemente quando o gesto supracitado de Kant. Desenvolvemos cotidianamente um repertório de gestos que poderia nos propiciar a construção de uma ética que direciona nossa comunicação (SCARBOROUGH, 2015, n.p.).

Existem diferentes formas de comunicar e expressar pensamentos, entretanto, ocidentalmente a linguagem oral/escrita ganhou destaque. Na Filosofia, a linguagem oral/escrita é entendida como a única forma de filosofar, de modo que a tarefa do filósofo seria a de ler e escrever textos.

Em nosso trabalho, temos como objetivo realizar uma análise semiótica das formas de expressar pensamentos, especialmente através dos trabalhos de Charles Sanders Peirce. A partir da concepção de “mente” elaborada por Peirce, pretendemos discutir de que modo o pensamento se *crystaliza* no corpo. Para Peirce (CP 5.289¹, nota 1), “[...] Do mesmo modo como dizemos que um corpo está em movimento e não que o movimento está num

¹ “CP” corresponde à Collected Papers of Charles Sanders Peirce. Hartshorne, Weiss & Burks. Cambridge: Harvard Univ. Press.

corpo, devemos dizer que estamos em pensamento e não que pensamentos estão em nós”. Isto porque, para Peirce (CP 6.613), "a mais alta qualidade da mente envolve uma grande prontidão para adquirir hábitos, e uma grande prontidão para perdê-los". Se o pensamento está no cosmos e se materializa através da cristalização de hábitos, o gesto pode ser entendido como uma forma de expressar pensamentos. Sendo assim, em nosso trabalho, analisaremos através de uma abordagem semiótica os limites e as possibilidades de se expressar pensamentos além da linguagem.

Palavras-chave: Filosofia Brasileira. Linguagem. Formas de Expressão de Pensamentos.

Referências:

- PEIRCE, C. S. (1935,1958). *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Hartshorne, Weiss & Burks. Cambridge: Harvard Univ. Press.
- SCARBOROUGH, T. *A Philosophy of Gestures*. Publicado em 13 de abr. 2015. Disponível em: <http://www.philosophical-investigations.org/2015/04/a-philosophy-of-gestures.html>. Acesso em: 21 de jun. 2015.
- WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- _____. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- WUNDT, W. *The Language of Gestures*. The Hague, Netherlands: Mouton, 1973.